

A MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DAS CIDADES EM LUGARES

THE MEMORY SPACES IN THE RECONSTRUCTION OF THE CITIES IN PLACES

Hugo Coelho Oliveira*

Leonardo de Souza Medeiros*

Maria das Graças Estanislau. de Mendonça Mello de Pinho*

Resumo

O uso que os indivíduos fazem das cidades como, o reconhecimento dos espaços estão imamente ligados à memória. Através dela a subjetividade se materializa, imprimindo no espaço individualidades transformando-o em lugar. Os lugares são espaços que foram significados pelo uso e pela reação ideológica impressa pela memória que se organiza por relações que estão em constante mudança a partir dos discursos. O pensamento quando acessa determinado tipo de fato ou lembrança reconstrói o espaço. A memória coletiva pode permitir a reconstrução de eventos em suas minúcias e somente a memória individual pode evocar sentimentos que liguem pessoas a espaços. Para os indivíduos muitas de suas ações são rotineiras e não tem um significado marcante, contudo para outros as mesmas ações podem desencadear emoções extremamente relevantes em sua memória proporcionando a mudança dos espaços para lugares.

Palavras-chave

Cidade. Memória. Discurso. Lugar.

Abstract

The use that people make the cities as the recognition of immanent spaces are connected to memory. Through her subjectivity is embodied in printing individual space turning it into place. Places are spaces that were meant for use by the ideological reaction and printed by the memory which is organized by relations that are constantly changing from speeches. Thought when accessing certain type of fact or rebuilds the memory space. Collective memory can allow the reconstruction of events in its details and only individual memory can evoke feelings that connect people to places. For individuals many of its actions are routine and has a remarkable significance, but for others the same actions can trigger emotions extremely relevant to his memory by providing the space to change places.

Key words

City, Memory. Speech. Place.

* Alunos do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (UENF)

Introdução

Por toda a vida o relacionamento com um ambiente está sendo a todo o momento resignificado, inserido num contexto mais amplo, uma vez que toda prática humana existe no interior de três sistemas, o social, o econômico e o cultural. Agindo sobre eles reproduzindo-os e/ou alterando-os é que esses se fazem representativos e significantes dos ambientes.

Nota-se uma relação dicotômica entre memória e história, que por vezes se completam, se relacionam e em outras se confrontam ou se distanciam. A memória sustenta-se na subjetividade enquanto a história, comumente conhecida, na objetividade. Memória está diretamente ligada à lembrança e, conseqüentemente, a esquecimento. Assim lembrança e esquecimento formam um par que se complementam e se opõem ao mesmo tempo. Onde existir memória, lá estará o esquecimento e vice-versa.

O atual momento da globalização com a disseminação quase que instantânea via as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), contrasta-se enormemente a um passado recente em que a constituição da história era demarcada tanto por uma escala temporal longínqua, quanto pelo estudo de espaços outros que não aqueles próximos aos cidadãos. Essa forma de tratar a história encontrava respaldo nos critérios de neutralidade e objetividade, em que eram valorizados pessoas e fatos julgados relevantes unicamente pelos historiadores.

Rolnik (1997) esclarece que ocorre atualmente uma grande ameaça a constituição das identidades, em que marcas identitárias singulares sedem lugar a referenciais uniformes e voláteis, que flutuam ao sabor do mercado. A homogeneização imposta e inculcada pelos indivíduos como identidade, na verdade provoca sensações de insegurança, estranhamento, isolamento, frustração, vez que muito distante à realidade cotidiana dos sujeitos e por não existir viabilidade de se vivenciá-la autenticamente, segundo esse autor.

O texto não verbal

Além da fala e da escrita utilizam-se diversos meios de comunicação, rádio, televisão, internet, que também alteram a vida da sociedade moderna, artefatos que atualmente a caracterizam, permitindo uma ampliação das relações humanas e conseqüentemente das comunicações.

Tais meios contribuem para a comunicação, contudo, não caracterizam o

máximo potencial da comunicação humana, visto que são construídos a partir de sistemas convencionais de códigos. É baseada nestes códigos que se efetiva essa comunicação. Inserida nos sistemas sociais, os mesmos sofrem inúmeras interferências, e é na sua representação que se percebe a ação do sistema socioeconômico-cultural em nos pensamentos.

Entretanto essa estrutura informacional não precisa se, nem é exclusivamente verbal. O traje usado para cobrir o corpo, o meio de transporte adotado não são de ordem estritamente funcional, ao contrário, dizem, sem palavras, nossas preferencias, explicitam nossos gostos. Escolher cores, modelos, tecidos, marcas significa expectativas socioeconômicas, mas, sobretudo revela o que queremos que pensem de nós; aquelas escolhas representam não signos da autoimagem que queremos comunicar. Estes signos falas sem palavras são linguagens não-verbais altamente eficientes no mundo da comunicação humana. (FERRARA, 1986).

< O texto não-verbal constituindo uma linguagem relacionada à experiência cotidiana, em que sua leitura traz inferências à essa experiência. Assim como qualquer outro código o texto não-verbal é constituído por signos e sintaxe próprios, que para decodificá-los é necessário identificar o s meios que constroem seu significado. >

O texto não-verbal apresenta baixa definição em relação aos dados, podendo, contudo ter grande informação. Ao contrário de outros meios de alta definição, o texto ele deixa muito a ser completado pelo receptor. "... prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição..." (McLUHAN apud FERRARA, 1986).

O texto não-verbal é caracterizado por uma linguagem sem código. Uma vez que não se encontra nele signo, mas, uma diversidade de signos, palavras, cores, sons, sendo sua associação necessária de ser construída. É preciso identificar e definir a natureza do signo para que o receptor possa associar o signo com o objeto.

Essa fragmentação gera uma espécie de opacidade, ou uma neutralidade significativa: a princípio, o texto não verbal tem seu reconhecimento comprometido, porque seu significado,

o elemento básico de todo ato de linguagem inexistente. O texto não-verbal não exclui o significado, nem poderia fazê-lo sob pena de destruir-se enquanto linguagem. Seu sentido por força da fragmentação que o caracteriza, não surge a priori, mas decorre da sua própria estrutura significante, do próprio modo de produzir-se no e entre os resíduos sígnicos que o compõem. Este significado não é dado, mas pode produzir-se. (id.)

Memória

Segundo Bosi (1994), analisar o cotidiano é imprescindível para compreender que existe uma relação conflituosa entre a memória-hábito, que é a memória desvinculada de estímulo, e a memória que é ativada através de determinados estímulos. A imagem-lembrança consegue tornar vívido na consciência um momento que será único, singular e irreversível da vida. Ainda afirma que o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea, guardando esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas.

Ao se evocar o passado, apela-se para as lembranças dos outros uma vez que linguisticamente a significação se efetiva a partir do outro. A organização da memória individual só é possível por meio das palavras e das ideias que são emprestadas ao meio de convívio. Ao passo que a memória coletiva substancia-se nas características que são inerentes ao grupo mesmo cada um produzindo suas memórias individuais. Assim através da memória coletiva percebe-se a forma como o próprio grupo se expressa, quando seleciona o que deve ou não ser falado ou ensinado para as futuras gerações.

Integrar sensações e associar percepções diz respeito àquele complexo ato de recepção de que falamos. Sensações e associações despertam a memória das nossas experiências sensíveis e culturais, individuais e coletivas de modo que toda nossa vivência passada e conservada na memória seja acionada. Na realidade é necessário despertar aqueles valores ou juízos perceptivos, compreender uma interação entre passado e presente, entre as sensações de ontem e de hoje,

mais a reflexão sobre elas para compará-las e perceber-lhes os pontos de convergência e/ou divergência. (FERRARA, 1986).

Carretero et al. (apud CAIMI, 2010) destacam ao falar em memória individual e coletiva a importância de relacioná-las ao experimentado, ao herdado, e principalmente ao esquecido pelos historiadores na trama social democrática participativa e representativa, em que as últimas são perpetuadas nos registros oficiais, por imposição na determinação de uma soberania social e uns em detrimento de outros. Cabe evidenciar a participação de todos na constituição da história.

A constituição da identidade passa necessariamente por um processo subjetivo, ao qual Goffman (1988) considera ser necessário um estojo efetivo de objetos identitários. Segundo elitismo aos lugares onde se vive, que eram anteriormente desvalorizados em detrimento ao glamour dos grandes centros urbanos, apresentados principalmente pelas mídias.

Fico (apud CAIMI, 2010) explica que o crescimento de pesquisas sobre os espaços mais próximos no meio acadêmico, deve-se a cursos de pós-graduação que os focalizaram nessas pesquisas, uma vez que se evita o deslocamento por parte do pesquisador, facilitando a operacionalização da mesma.

Segundo Amorim (2007, p.13) “a região é uma construção do sujeito, porém fundamentados na realidade existente”. Tomar a história local e cotidiana, viva e vivida pelos sujeitos como ponto de partida para a inserção na constituição do espaço-tempo, faz-se necessário para que não se perca o que se tem de mais importante durante toda a vida nos contornos da identidade: espaços feitos lugares de pertencimento, por localizarem quando evocamos a memória pessoas e eventos importantes a eles associados.

A transformação de um espaço em lugar, a partir da percepção do usuário, supõe desmascarar a cidade como espaço trivial, quotidianamente igual e exposto aos olhos de todos; na realidade, a percepção urbana evidente na leitura supõe uma interpretação da imagem da cidade que vai além da coleção de fotos de um determinado ambiente. Ao contrário, assim como se transforma um espaço em lugar, também se transforma uma imagem, uma foto em retrato que evidencia as variantes de uma percepção e a interpretação possível de um ambiente

urbano; essa operação de inferências não é simples exercício impressionista, mas é resgatada daqueles retratos que, combinados, revelam aquela força vital, aquele organismo de que falamos. Do espaço ao lugar, o processo bilateral entre a cidade e seu usuário. (FERRARA, 1986).

A cidade

Na cidade o texto não-verbal está em toda parte em meio a todas as outras linguagens, a cidade engendrada pelo pluriespaço recria espaços, resignifica-os. Esta também é considerada um texto não-verbal, riquíssimo em informação constituída por todos os estímulos nela encontrados. Estímulos estes que estão sempre em mudança ante a velocidade da informação que hoje é propagada pela mídia.

O texto não-verbal movimenta-se na cidade, altera-se e ressignifica-se ante nossos passos, nossa rotina e o uso que fazemos dela. Não mais sendo vista, a cidade, de forma abstrata ela relaciona-se com seus usuários e nesta relação compartilham informações. Sendo contextualizado nela pela identificação econômica, cultural e social alterando assim a imagem da cidade.

Nessa contextualização o uso dos lugares urbanos redesenha o espaço, criando outra variável, mais significativa e dinâmica alterando a imagem da cidade (rua, praça ou viela). Qualifica a memória, alimentando as histórias da cidade e também motivando as mudanças. “Desse modo, o uso opera o grau como um grau zero da informação na cidade, ou seja, registra a atualidade referencial de um índice e gera o hábito, a convenção urbana: simultaneamente índice e símbolo. A fala da imagem da cidade.” (FERRARA 1986)

Conclusão

A partir das influências dadas em um determinado espaço, este se transforma em lugar através de sua funcionalidade. A percepção que um determinado usuário faz de um espaço o resignifica, criando um lugar. Este pode não ter o mesmo valor e utilidade, e portanto significados diferentes, conforme a percepção do indivíduo. O pensamento quando acessa determinado tipo de fato ou lembrança reconstrói o espaço.

Ao reconhecer os espaços significados pelas sensações e percepções os indivíduos fazem um uso diferenciado da cidade conforme sua memória individual. Eles serão tanto diferentes e significativos quanto tiverem sido ricas o suficiente as experiências para tê-las privilegiado na memória. Serão, portanto, lugares especiais.

Referências

CAIMI, Flávia E. *Meu lugar na História: de onde eu vejo o mundo*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010.

GOFFMAN, Erving. *ESTIGMA: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 100).

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. São Paulo: Papyrus, 1997.